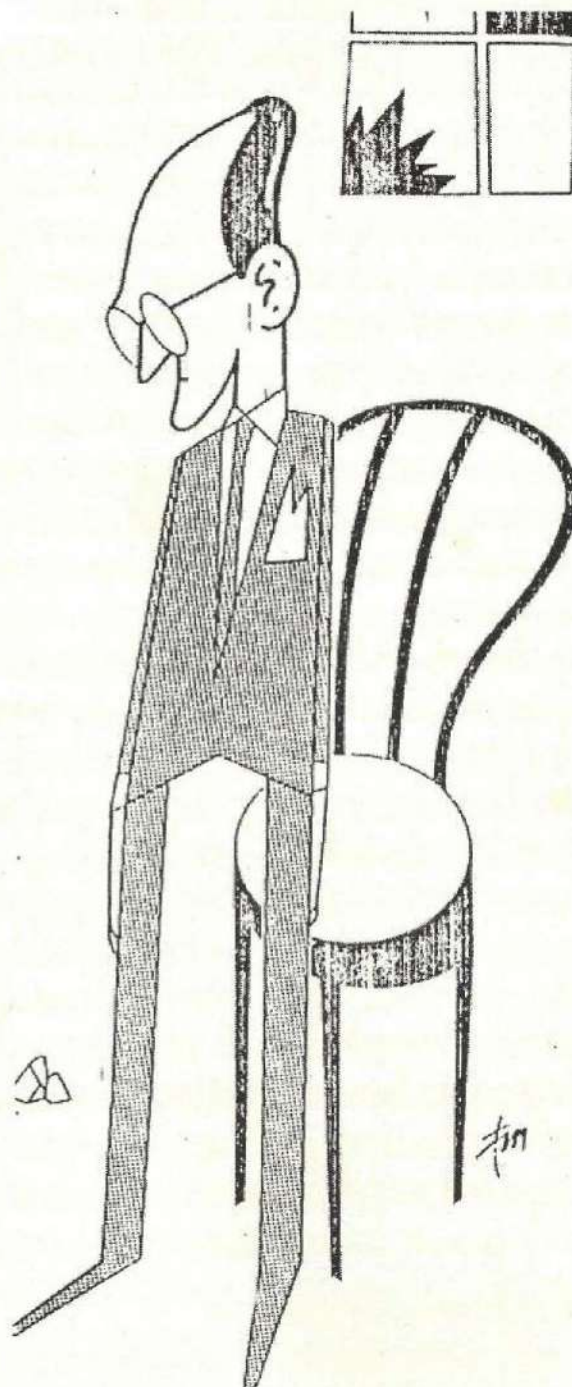


UM VERSO FLEXÍVEL, DE VIDRO E COBRE

Antônio Medina Rodrigues



UM VERSO FLEXÍVEL, DE VIDRO E COBRE

Antônio Medina Rodrigues¹

O desaparecimento de Carlos Drummond de Andrade certamente colocará na ordem do dia a importância desse poeta para a cultura brasileira e a questão de como os artistas exprimem à sua maneira os vários transe da história nacional deste século. Esse levantamento nem sempre é fácil fazer, porque muitas vezes um poeta ou prosador limita seu trabalho à pura criação e dentro de uma linha eminentemente esteticista ou personalista, em que sua relação com o mundo tenha expressão secundária. Há que contar também o clássico preconceito segundo o qual os artistas devem exprimir prioritariamente o universo da ficção e do sonho, de modo que o que neles vem a ser representação do mundo ocupa sempre um lugar derivado. Não é o caso de Drummond de Andrade. Sua poesia soube manter sempre uma dupla significação altamente expressiva nos dois pólos, o da composição e o da representação do mundo, cada uma determinando a economia da outra. Esta não é, a meu ver, uma questão de estratégia poética.

Não há receitas para fazer o que Drummond fez. O que de fato nele existiu e foi apoio de seu verso foi uma compleição fortíssima de caráter nacional brasileiro exemplar (como o de Graciliano ou o de Augusto dos Anjos), capaz de imprimir à realidade a sua força expressiva particular, materializada numa direção de conduta única e decidida, consciente de si mesma, não obstante a contramão da ironia de viver num mundo de síntese impossível. Quando digo que Drummond foi esse caráter, incluo aí seu poder particular de expressão e recusa.

¹ - Doutor e livre docente da USP

UM VERSO FLEXÍVEL, DE VIDRO E COBRE

Sensibilidade e força

Drummond manifestou, de um lado, a sensibilidade fácil e emotiva, apegada sempre às coisas, e, de outro lado, soube impor àquela a mão de ferro itabirana que nunca se sujeitou a instâncias de claqué e escola. Já se disse que ele não quis liderar ninguém, procurou "superar" o Brasil sozinho. Foi, não obstante, homem amantíssimo e muito fiel aos roteiros discretos da vida (que para ele eram de grande eloquência), capaz de responder a cartas de colegiais sem baixar o tom, como se falasse a um amigo da mesma idade. Não foi poeta "vate", desses que deixam facilmente passar à pena as loucuras que lhe vêm ao pensamento. Detestava essas irresponsabilidades transcendentais, embora as apreciasse em Murilo Mendes ou Jorge de Lima. Era um homem de luminosidade grande e simples, em que a extrema sensibilidade não transigia com qualquer mito, só por ser mito ou por ser poético.

Drummond foi chegando à literatura brasileira com uma dicção distinta, um toque laminar de palavra, uma fina ironia de si mesmo, um verso flexível, mas de vidro e cobre, tudo simultaneamente leve e grave. Era uma coisa humorosa na pele, mas muito sóbria nas vísceras, com jogos estranhos entre o olho e a coisa, bobeira à toa, que fazia rever todo nosso abafado senso de percepção:

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

Que era o humor drummondiano? Simplesmente a férrea consciência de ser a toda hora ultrapassada pelo desenho sinuoso e oblíquo do mundo. E por vezes a curva do caminho cedia inexplicavelmente à mera fratura, ao beco sem saída, enfim, ao turbilhão da história das coisas, indiferentes a qualquer moral, ou melhor: impondo sua moral. Poucas vezes Drummond tentou organizar pela consciência esse mundo sem Deus, esse "mundo, mundo vasto mundo", poucas vezes tentou impor-lhe algum controle. E, quando o fez, produziu as comoventes elegias épicas de *"Rosa do Povo"*.



Provavelmente Drummond jamais tenha levado a sério qualquer utopia, não se sentia atraído pelo mundo nebuloso das idéias (que dificilmente faz grandes poetas) e nenhuma ideologia parece ter pisado a ante-sala de sua criação. Não é a idéia que Drummond preza, mas o gesto teimoso e negador, instalado na trama da vida:

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape

Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:
em verde, sozinha,
antieuclidiana,
uma orquídea forma-se
(Áporo)

Só esse gesto, que Drummond realizava pela poesia, seria capaz de tocar nos tecidos "principais" da vida e descoser os nós por ventura instalados pelo medo, pela política ou pela polícia, pelo poder. Drummond trabalhou nas fontes primeiras da percepção, lá onde se joga uma partida decisiva, em que tanto pode vencer o *"enlace de noite, raiz e minério"*, como aquela nova canção, canção amiga, *"que faça acordar os homens e adormecer as crianças"*.

Impasse

Essa insistência em contemplar fixamente o acontecer prático das coisas, entre o corpo e o acontecimento, esse interminável recomeçar da história porosa/não-porosa do mundo vai colocar Drummond bem à frente daqueles poetas que se preocuparam estritamente com linguagem poética, mas acaba jogando sobre seus ombros um saldo pesadíssimo de angústia. Daí que seu tema inseparável seja do *"impasse"*: a



UM VERSO FLEXÍVEL, DE VIDRO E COBRE

história não cessa de instigar-nos a cada gesto, a cada marca, a cada canto abandonado, a cada linha invisível do oceano, mas tudo isso é de um incômodo impressionante, pois impassível de qualquer síntese: a sensibilidade não recupera aquilo que foi naquilo que está sendo e o que está sendo tem a virtude de remeter nossa percepção sempre para além de nós mesmos. Não é só como brigar com palavras. É perder-se no leque etário do corpo, é transviar-se nas múltiplas arqueologias do espaço em frente. Este é o verdadeiro beco sem saída (se alguma saída houver, podem crer que é falsa). É, no fundo, o que a reflexão do boi viu nos homens: *"Certamente falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres"*.

Nem mesmo o amor conseguiu mudar substancialmente essa dialética do fragmento e da vigília. Por sinal, uma dialética que, nos grandes momentos drummondianos, não encontra seu ponto da pacificação dos contrários. Drummond parece o único dos modernistas a tratar o amor de uma forma seriamente clássica, embora orquestrada pelo humor e pela ironia de si. O amor é também uma estranha afecção do corpo, como acreditavam gregos e latinos. Só que Drummond não se interessa apenas por uma fenomenologia do enamora-se, mas pela erosão que o amor provoca no corpo e na vida. É como se a inteligência dele não aderisse e se mantivesse aferrada a essa velha inspeção itabirana, desejosa de tirar um pouco de tudo, pelo menos do que fica, e administrar-nos insuplantável lição das coisas.